

RESENHA

SAMPAIO, Tânia Mara Vieira, *Movimentos do corpo prostituído da mulher* – aproximações da profecia atribuída a Oséias. São Paulo: Edições Loyola, Umesp, 1999, 172 p.

*por Mercedes Lopes**

Mo(vi)mentos do corpo prostituído da mulher

A autora usa o morfema mo(vi)mentos, para expressar a dinâmica do momento em que os corpos concretos entram em movimento e se percebem construtores do mundo, por meio das suas múltiplas relações.

Momento e movimento fazem parte do complexo jeito humano das pessoas construírem sentido e se organizarem dentro do espaço concreto das relações sociais. Em meio à provisoriedade e transitoriedade intrínsecas aos aspectos relacionais das situações cotidianas, a autora conduz o nosso olhar para os corpos em movimento na busca de redimensionar suas vidas. Corpos de homem e de mulher que se encontram, se falam, se tocam, fazem escolhas e se organizam no interior da casa, no trabalho, nas festividades cúltricas, nas relações sociais e na luta pela transformação do mundo.

A opção pelo referencial teórico de gênero como categoria analítica capaz de levantar suspeitas e formular perguntas ao texto, possibilitou uma visão totalmente inovadora de Os 1-4. Em

uma hermenêutica de gênero, o processo de leitura da realidade escondida no texto bíblico procura privilegiar os movimentos e momentos de encontro e diálogo entre as experiências de vida de quem procede a leitura, e das pessoas identificadas no processo analítico, em suas sucessivas realidades cotidianas. Este propósito de mapear as relações sociais de gênero na multiplicidade dos movimentos cotidianos faz parte da opção teórico metodológica de Tânia, e significa uma ruptura epistemológica com a pretensão de neutralidade da produção de conhecimento ou da hermenêutica.

É a partir destes mo(vi)mentos simples do cotidiano, que a autora faz uma aproximação à profecia de Oséias, buscando redimensionar e dinamizar a ciência exegética de caráter androcêntrico, a partir das relações sociais de gênero – etnia – classe – geração, interrogando o texto bíblico com as inquietações e questionamentos dos corpos, em sua concretude. A partir do cotidiano das relações e das questões levantadas pelas pessoas na casa e na eira, na produção e reprodução, nos encontros e desencontros, o texto se abre a uma nova interpretação.

O livro de Oséias coincide com o período final do reino de Israel, nos últimos anos do reinado de Jeroboão II (750-743 a.C.). Os capítulos 2 e 3 refletem certa prosperidade de produção e tranquilidade política que marcaram seu reinado. Já os capítulos seguintes descrevem aspectos da crise ocasionada por pressões externas, vindas da Assíria, que culminaram com a guerra siro-efraimita e a subjugação de parte do território do reino do Norte pelo rei da Assíria em 733 a.C. Os capítulos finais da profecia estão muito próximos ao ano 724 a.C., quando se deu o cerco a Samaria e a destruição do reino do Norte.

A pesquisa desvela a complexa relação de poder entre os distintos grupos que formavam o tecido social de Israel, nessa época, onde a dominação e expropriação acontecia também pela prostituição. Nos primeiros quatro capítulos do livro de Oséias aparecem inúmeros detalhes da vida cotidiana das pessoas, mostrando desta maneira que a prostitui-

* Teóloga formada na área de *Teologia Sistemática* no IBTD e UCB, de Cochabamba/Bolívia. É diplomada em espiritualidade pela Pontifícia Universidade Comillas de Madrid/Espanha e licenciada em *Teologia e Bíblia* pela Universidade Bíblica Latino Americana de San José/ Costa Rica; é mestra e doutoranda em Ciências da Religião na área de *Literatura e Religião no Mundo Bíblico*, pela Universidade Metodista de São Paulo – Umesp.

ção não era uma metáfora, como sempre se entendeu, dentro de uma perspectiva androcêntrica. Ela não se apresenta como uma analogia para a relação religiosa do povo com seu Deus, mas como uma realidade experimentada no cotidiano por todo o povo e não somente pelas mulheres.

Enquanto para um grupo a prostituição era usada para expropriar outros grupos de seu controle, para estes grupos expropriados ela era fonte do poder que possibilitava a sobrevivência e a resistência, mesmo sendo vitimadora. Esta nova visão que surge da pesquisa rompe com o discurso normativo que culpabiliza o corpo da mulher, ao mesmo tempo que rejeita o reducionismo que vê na profecia de Oséias uma analogia das relações entre Gomer e Oséias com as de Israel e Iahweh. Esta reflexão traz novas luzes sobre o debate teológico e uma visão mais ampla acerca da prostituição. Tânia reconceitua a prostituta como “mulher de prostituições”, situação vivenciada como uma prática social, na complexa relação de poder entre os distintos grupos sociais.

A categoria de gênero oferece um referencial que possibilita fazer uma crítica à história da interpretação de Oséias 1-4, mostrando as construções que foram sendo superpostas ao texto a partir de uma ótica patriarcal, jogando uma nova luz sobre o texto. Com esta nova luz, os aspectos de exploração/dominação dos corpos dos sujeitos concretos do texto, Oséias e Gomer, passam a ser vistos como uma situação mais ampla, vivenciada pelo povo do reino do norte. O trabalho de pesquisa foi revelando que a prostituição era uma prática social real, amplamente vivenciada pelas pessoas, naquela época. Mas, embora esta situação envolvesse todas as pessoas, a culpa em geral recaía sobre a mulher. A partir deste novo enfoque, a prostituição passa a ser vista como um espaço de encontros e desencontros na vida da mulher, do homem, dos filhos e de toda a nação.

No capítulo 1, a prostituição atingiu à mulher e ao profeta, gerando nomes negativos para seus filhos. As três crianças nascidas da relação entre Gomer e Oséias receberam nomes que continham

uma denúncia à conjuntura nacional: “*Jezrael*”, “*Não Amada*” e “*Não meu Povo*”. Este detalhe é revelador, demonstra que a prostituição não estava reduzida a uma questão moral. Não dizia respeito à conduta de uma mulher ou das mulheres. Ela era uma questão social e estava relacionada a uma conjugação de forças que a impunham as casas, às mulheres e aos homens e aos seus filhos.

No capítulo 2 aparece ainda mais claramente um questionamento a esta situação, pois ela corrompe a dignidade e impede a liberdade com que se dão as relações entre as pessoas. Surge no texto a busca de alternativas para a superação desta prática social que leva à prostituição e ao adultério. Esta busca passa por etapas que se iniciam com a antiga tradição patriarcal, cuja lei podia condenar a mulher ao apedrejamento ou dava ao homem o privilégio de mandá-la embora, sem nenhuma garantia econômica. No entanto, esta etapa é superada pela dinâmica das relações de poder que supõem o diálogo, a sedução, a reconciliação e a construção conjunta de um novo tempo.

A dinâmica do poder nas relações entre homem e mulher evidencia-se não simplesmente como momentos de inferiorização ou vitimação da mulher perante o marido. Ela apresenta-se como espaço de poder conquistado aos poucos pela mulher, revertendo uma possível condição de vítima. Tal possibilidade é uma decorrência da ambigüidade com que as sociedades patriarcais tratam a prostituição.

O capítulo 3 inicia-se com um retrocesso nesta negociação entre homem e mulher, na busca de reverter a situação. O final do capítulo 2 já havia apresentado um novo panorama, com novas alianças que poderiam refazer as relações entre Oséias e Gomer, reconstituindo também sua casa. É justamente este recurso que permite outras aproximações ao texto, por meio de uma atenção ao cotidiano, onde os problemas não se solucionam somente com decisões pessoais. As relações sociais mantidas diariamente por Oséias e Gomer, nas suas idas e vindas, demonstravam a

complexidade de um problema que não dependia somente da decisão do casal.

Há uma situação incomum de divórcio e reconciliação, cujo pano de fundo é um ambiente de amor e de culto. Oséias pede o amor de Gomer, numa relação de reciprocidade (Os 3,1.3). Um amor que ela já havia experimentado em outras relações. O texto apresenta o ambiente desses processos amorosos como lugar de festividades comunitárias, onde há abundância de comida, especialmente do "bolo de passas". Comidas que são partilhadas entre danças e rituais para agradecer a colheita e refazer as forças, dando continuidade à produção/reprodução que faz parte do ritmo permanente da vida.

Revela-se aqui um dado da questão religiosa, subjacente ao texto desde o início. Porém, a questão religiosa não rouba a cena. Ela tenta, apenas, indicar os espaços de prazer nos quais se movimentam os corpos indefesos ante suas próprias equívocos e ante as expropriações do Estado. Em vez de fazer um discurso eloquente sobre a idolatria, o texto apresenta os ambientes e festividades cúlticas na eira, não permitindo que se reduza as complexas relações cotidianas ao aspecto religioso. O que chama a atenção no texto é a dinâmica das relações internas da casa e sua correlação com os projetos político-religiosos de Israel. Estas são situações reais e não meras figuras literárias para uma denúncia profética.

O capítulo 3 está enlaçado a todo o processo vivido nos capítulos anteriores. Não se pode tomá-lo separadamente sem perder de vista a trama em que estavam envolvidos os corpos de homens e mulheres nas suas relações sociais e nos movimentos de produção/reprodução, buscando superar a expropriação a que estavam submetidos naquele contexto. Exercendo uma função de síntese dos capítulos anteriores, o capítulo 3 lança o nosso olhar em direção ao 4, onde os adultérios marcam a conjuntura nacional.

O cenário das colheitas apresenta o espaço onde acontecia a prostituição das filhas e das noras, evidenciando que a realidade da prostituição não

era uma vivência particular, de uma das casas de Israel. No capítulo 4 encontra-se também uma violenta crítica ao grupo sacerdotal, responsabilizando-o pela expropriação de práticas cotidianas do povo para interesses do Estado. O texto profético reivindica a não culpabilidade das filhas e noras, acusando aos sacerdotes de praticarem a prostituição e a prostituição sagrada. Esta acusação levanta uma pergunta sobre a ligação entre a organização política, econômica e religiosa e conduz nossa atenção para a questão tributária.

Os interesses da monarquia articulavam-se por meio da prática dos sacerdotes durante as colheitas e também pelos santuários. A crítica profética ao grupo sacerdotal mostra que este grupo era agente do Estado, estimulando os ritos de fertilidade com vistas à uma intensa procriação. A crítica se estende até mesmo aos santuários de Guilgal e Bet-Aven, considerando-os como caminhos religiosos que não deveriam ser seguidos. Em meio a todas estas críticas, o capítulo 4 de Oséias mostra ainda a alegria das festas comunitárias que faziam parte do ritual da colheita como um momento prazeroso de encontros. Não faz uma crítica a estas celebrações, mas procura redimensioná-las, para que não sejam utilizadas para os interesses do Estado.

A autora realiza um processo de leitura que chama a atenção para as relações sociais e permite uma ruptura com hermenêuticas culpabilizadoras ou vitimadoras do corpo das mulheres como realidades opostas ou fixas. A contraposição de não castigar as mulheres e de responsabilizar o grupo sacerdotal pela prática da prostituição nas eiras não está criando uma polarização entre vítimas e culpados. Está mostrando a dinâmica da estrutura social, na qual os grupos se movem exercendo poderes de sobrevivência e de resistência ou de dominação e de subordinação. Segundo a autora, não cabe uma leitura do capítulo 4 como um esforço para conquistar a isenção absoluta da responsabilidade das mulheres e de culpabilizar os sacerdotes pela prática da prostituição. Lembra que o texto profético apresenta-se com uma me-

mória coletiva de homens e mulheres, que aos poucos foram tomando consciência de si mesmos e da sociedade na qual estavam inseridos, descobrindo suas potencialidades para ultrapassar a condição de mera reprodução dos desígnios de um poder dominante. Ao falar das filhas e noras, o texto retira Gomer do isolamento, envolvendo muitas outras casas nesta mesma prática.

Com esta análise dos primeiros capítulos da profecia atribuída a Oséias, a autora nos leva a admitir a efetiva condição de prostituição vivida naquele período da história do povo da Bíblia, superando as leituras misóginas sobre a prostituição, culpabilizadoras do corpo da mulher. Ao mesmo tempo faz uma crítica à leitura androcêntrica deste texto, que vê os sujeitos como objetos para a elaboração de uma metáfora sobre a

relação entre Israel e Iahweh. A autora comenta ainda o fato de o texto bíblico de Os 1-4 conter uma fala plural e desordenada sobre Deus, sem submeter-se a nenhum conceito fixo, deixando espaço para a pluralidade das etnias e religiões presentes em Canaã, naquela época. Desta maneira, o texto ressalta a memória da provisoriedade, fragilidade e pluralidade da experiência humana em suas relações, inclusive com a transcendência. Mostra a importância das alianças estabelecidas entre pessoas e grupos e com as forças da natureza, para garantir a sobrevivência e a autonomia das casas frente à expropriação do Estado. Uma aliança entre homem e mulher que tem por base a amizade e o amor e não o enfoque da tradição religiosa, que propõe a imposição e a subordinação.